

Transcrição de Entrevista 3

Características	
Sexo	Feminino
Idade	58
Estado Civil	Casada
Agregado Familiar	Marido e filho
Nível Educacional	4º Ano
Situação Laboral	Doméstica

Tabela – Características Sócio-Demográficas

Entrevistadora: Queria começar por saber como é que é o seu dia-a-dia, desde que acorda de manhã até à noite. O que é que a senhora faz no seu dia-a-dia?

Participante: Olhe por exemplo, posso começar por hoje, não posso madrugar, ponho-me a pé sempre tarde, depois tenho as medicações todas de manhã, inclusive a insulina de 24 horas e... mas eu tomo para muitas coisas. Depois tomo o pequeno-almoço e depois preparo o almoço para a família consoante possa. Depois na máquina que os filhos compraram faço uma roupinha, lavo a roupinha, depois estendo aos bocados às vezes, e depois torno a fazer o comer à tarde... ah... o galinheiro, uma manadinha de galinhas, às vezes mais outras vezes menos, porque nós criámos frangos uma vez no ano, por acaso já estão na arca, a maioria que era para matar, temos os porquinhos pequenos também vou lá às vezes, mas depois tem dias que nem isso, só mesmo endireitar a roupa na cama, nem varro a casa nem nada e fazer alguma coisa de comer para eles.

E: A senhora é que é responsável pela comida, por limpar a casa, por arrumar...

P: Pois claro! Pelos trabalhos de casa, tanto quanto me seja possível sou eu.

E: É a senhora que faz... é a senhora que vai às compras?

P: Não! Não, vou uma vez... olhe eu sei lá, posso ir duas ou três vezes no ano, se for. E não vou só, porque eles já vão para ver os preços para orientar, para carregar, para tudo. Eu vou assim numa altura, fui agora na Páscoa porque é preciso trazer umas pequeiras, assim que mais a mulher sabe o que é, umas coisas pequenas, mas eu faço uma lista ao meu marido e ele traz tudo. E mesmo aqui na casa, este filho e outro, limpam a cozinha, lavam a louça, quer dizer, tem horas e dias que não faço sequer isso.

E: E porque é que não faz a senhora?

P: Porque tenho uma fraqueza muito grande, os diabetes vai tudo a baixo, fica a vista tenho a direita, não tem nada, a esquerda só tenho uma percentagem pequena. Agora ando aqui muito bem, se fizesse sol quase não podia ir sequer ao portão porque as escadas são todas umas, são todas iguais. O sol... já caí ali duas ou três vezes, já parti este pulso duas vezes, já parti as

costelas, porque depois é tudo igual e eu boto o pé e quando julgo que estou a pôr o pé normal vou toda para diante.

E: Porque vê mal, não é? Desde que tem a doença.

P: Sim, foi tudo depois da doença.

E: E teve assim mais alguma complicação devido à doença?

P: Tenho a tiróide... e... assim pronto, o colesterol também às vezes está um bocado coiso e assim.

E: Pronto. E da medicação é a senhora que compra ou o seu marido ou...

P: Eu quando vou à consulta, que dá para comprar, que tenho com quê, trago eu, mas depois se venho para casa [...], eles vão à vila, eu escrevo ou dou-lhes as receitas ou dou-lhes os frasquinhos ou as caixas como há-de ser...

[...]

E: E a senhora costuma fazer os testes aqui em casa?

P: Sempre, três vezes ou quatro ao dia, consoante precisar. Três é normal.

E: E a senhora controla os valores?

P: Controlo. A insulina *lantus* é só uma vez por dia, essa não se toma mais. [...] Depois tenho a rápida, chamo-lhe eu, para actuar desde que marque mais de trezentos nas outras horas.

E: E a senhora é que toma conta da sua medicação e organiza-se bem?

P: Tudo, tudo! Já ensinei ao meu marido, este meu filho não, mas o que está casado e o marido, se eu cair, já tantas vezes me deram, se eu cair em coma, eles medicam-me e põe-me açúcar na boca, mas isso já foram ensinados pelos doutores já há muitos anos.

[...]

E: E controla a diabetes só com a medicação ou controla com outras coisas?

P: Inclui a dieta e a medicação.

E: E o que é que a senhora faz da dieta?

P: Dieta tanto quanto possível, não se toca no açúcar, não se toca nas gorduras, não se toca nos refogados, não se toca nas conservas, não se toca em café, não se toca em álcool nenhum...

E: E a senhora faz a mesma comida para si e para a sua família?

P: Bom, eu ainda agora fiz arroz de feijão para eles e eu fiz que comi. Comi uma colherzinha, depois as sopas é que são quase sempre iguais, as sopas é que eu abuso um bocadinho, do resto, depois... o doutor que esteve em Viana [...] e ele disse-me que: “o diabético desde que não exagere nas doses que são contrárias no prato, pode comer, o que é que enquanto que os outros comem e segundam e arrumam de barriga cheia, vocês só fazem como aquele que vai provar”. [...] Desta vez provou e à noite já como uma coisa ao jeito.

E: E a senhora consegue controlar bem isso?

P: Consigo! [...] Come-se como a outra gente e pronto, já está. A gente não está para engordar, só está para ter mão. [...]

E: Então come várias vezes ao dia?

P: Hum... como seis a sete refeiçõeszinhas.

[...]

E: Então sabe quais são os sintomas, não é? Quando está com os valores muito altos ou muito baixos...

P: Sim, dou-lhe o jeito. Mas mesmo estando dentro da normalidade, vou picar, vou fazer o teste.

[...]

E: E quando tem os valores, por exemplo, quando a senhora se pica, não é? Quando tem esses sintomas, começa a ter os suores frios, pica-se, vê que tem os valores muito baixos, o que é que a senhora faz para subir os valores?

P: A princípio depende, a partir de trezentos faço cinco unidades, se passar de quatrocentos faço de seis a oito, se for quinhentos ou hi, que passa de seiscentos, que graças a Deus com esta insulina nunca fez, mas primeiro fazia muitas vezes, então depois aí, vou de dez a doze a quinze unidades. À noite menos para eu não fica a dormir [...], mas ao meio-dia ataco com mais, que preciso e depois como, leite, pão e... prontos. [...]

E: Então a senhora já sabe controlar bem o seu corpo...

P: Já, os próprios médicos o dizem... eles fartam-se de me dizer que o médico tem que ser o doente. Eu queria viver muito, eu quero viver muito e quero tanto quanto me for possível não ser a causadora (morte). [...] Eu afinal a todas as horas tenho que estar de volta dos meus casos... eu se vou duas horas ou três com o meu filho para a casa dele tenho que levar o saco cheio atrás de mim, como é que um homem que trabalha ou quê pode fazer isso?

E: Acha que limita muito a vida de uma pessoa?

P: Sim, sim! Pois limita!

E: Deixou de poder fazer muita coisa?

P: Olhe não sei se é por isso ou por outra coisa, não tornei a andar na lavoura, não entro em passeios e coisas assim...

E: Então ainda mudou alguma coisa na sua vida?

P: Ai, mudou quase tudo! Estou toda são, mas se começar a fazer força... é o sangue não? De certeza! Eu fico toda, como que seja toda aleijada e arde, faz dormideiras, parece que se me partiram as pernas, racharam as pernas de alto a baixo [...]. Pronto, o meu maior mal é uma fraqueza geral.

[...]

E: Tem muito apoio dos seus filhos e do seu marido? Ajudam-na?

P: Sim, sim. Ajudam. [...] Todos, todos. Nunca ninguém me disse: “tens que fazer aquilo”.

E: E ajudam com a medicação?

P: Se precisar, ajudam.

E: E olhe desde que tem a doença notou alguma coisa na forma como se sente, em termos de emoções?

P: Sim, agora sou muito mais débil, sou muito mais sentimental. [...] E é a tal coisa que depois me acontece, que eu vesti a roupa e de um momento para o outro foi lavar-me toda e vestir outra, depois com os nervos... nessa hora não controlo, não há hipótese! Fico com dores de cabeça e uma fraqueza grande e a vista é pouquinha, mas depois ainda é muito menos... afecta-me todo, todo!

E: E como se sente em relação à doença, agora?

P: Aprendi a viver com ela, aprendi a viver com ela. Não pode ser de outra maneira.

E: Pensa muito na doença?

P: Não, eu só penso na questão de... a vista não queria ficar sem nenhuma. A doença queria, pronto, não queria ficar aí por conta da família, porque às vezes a doença traz coisas que a gente não se segura... assim que não pudesse me lavar a mim e à roupa, não queria estar. Do resto está tudo certo.

E: Já me disse que a doença afectou um bocado a sua vida familiar...

P: Pois, na questão de trabalho... e trabalho e despesas e muitas mais coisas, que o meu marido durante estes quase trinta anos tem passado e sofrido coisas que não tem fim. [...] Quer se dizer todos aceitaram e estão comigo, mas eu é que lhes trago problemas que quase são insuportáveis. Por exemplo, das vezes que eu caí.

[...]

P: [...] porque eu não me esqueço dela (doença) um minuto por dia...

E: O que pensa da sua doença?

P: Olhe, a principio julguei que não havia para pior, mas afinal há muito piores.

[...]

E: Olhe, acha que há alguma coisa que a senhora pode fazer para controlar a sua doença?

P: O que tenho feito até agora, controlo de boca e medicações. Pois, eu se me topar mais mal ou coisa, eu vou e com o comer e com as medicações... posso fazer alguma coisa para viver o melhor possível.

E: É difícil para si cumprir o tratamento?

P: Não, eu tomo a insulina ou faço o teste como quem beba um bocadinho de água quando tem sede. Não custa nada.

E: O que é que é mais fácil para si fazer?

P: Não sei... acostumou-me, agora é aquilo que preciso e que não posso fugir e aceitei.

E: Quem é que a apoia ou ajuda na doença e no tratamento?

P: Bom, são os familiares e os médicos.

E: Por exemplo, alguém vai consigo às consultas?

P: Sim, quase nunca vou só. À vila vou algumas vezes, mas a Viana nunca fui só.

E: Quem é vai consigo?

P: Vai os filhos, vai a nora, vai o marido, vai os irmãos. Depende porque são muitas durante o ano.

[...]

E: Olhe como é que se vê a si própria desde que lhe foi diagnosticada a doença?

P: Vejo como uma pessoa muita mais, muito mais caída, uma pessoa com uma visão um bocadinho mais... Não dá para ser uma pessoa viva, que vá atrás de uma moda, desde que não cheire muito mal, os trapos servem aqueles. Entreguei-me um bocadinho ao desleixo.

E: Sente que no seu dia-a-dia é uma pessoa doente?

P: Sinto, eu o que eu lhe estou a dizer, que eu não esqueço.

E: Muita obrigada!